

O objeto *a*, separador dos gozos

Sandra Leticia Berta

Com as considerações exaustivas dos três registros RSI, no Seminário de J. Lacan, assim intitulado, encontrei uma frase que gostaria de destacar para abordar a questão a que me propus. A frase diz “[...] *no que muito precisamente opera a psicanálise, é entrar na fineza desses campos de ex-sistência*”.¹ Uma vez que o tema que nos convoca é *O inconsciente e o corpo*, o que me propus expor foi um recorte da clínica para pensar essa fineza dos campos de *ex-sistência*, campos de gozo, e em particular, a *ex-sistência* que promove o objeto *a*, *separador* dos gozos e sua relação com o inconsciente real.

No ensino de Lacan o nó borromeano é a última forma de apresentar a estrutura. Real, Simbólico e Imaginário é a estrutura do *parlêtre*. RSI, o *nó bo*, é a escrita da estrutura que ele nos convida a ler e que serve para transmitir considerações cruciais da clínica psicanalítica. A trilogia RSI corresponde a uma outra, a saber: consistência (imaginário), *ex-sistência* (real) e furo (simbólico). Embora assim definidas no início do Seminário 22, podemos ver que, avançado, troca o “barbante” pelas “cordas”, constatando que cada círculo de cordas define uma consistência e circunscreve um furo, e uma *ex-sistência*. Dito de outro modo, a cada consistência imaginária do nó (o qual significa dizer que a mesma afeta RSI), lhe corresponde um furo e um campo intermediário que abre para a *ex-sistência*. Os gozos que o objeto *a* condiciona são o litoral da *ex-sistência*, sem com ele se confundir. Veremos isso a seguir.

O nó *bo* é escrita de RSI, portanto, isso que, da linguagem, deixa traço. Dito de outro modo: um traço onde se lê o efeito da linguagem. Todavia, esse nó RSI suporta o Real que para o *parlêtre* deixa traços de letra. Sabemos que as formulações do inconsciente real são solidárias com as formulações do objeto *a*, também no seu estatuto real. Entendo que, por tanto “gastar” o significante, uma análise pode dar lugar a esse ravinamento do Real, mas para isso se deve contar com os efeitos que, no significante, produz o corte, efeitos que se enodam ao *mais-de-gozar*.

Em 1975, o objeto *a*, *causa de desejo e mais de gozar*, é o núcleo ao qual deve dirigir-se uma psicanálise, esta dependendo somente da *ex-sistência* do *nó bo*. A questão que Lacan coloca é a seguinte: por que razão o gozo, seja qual for, supõe um objeto, do qual o mais

¹ Lacan. O Seminário: RSI (1974-1975 lição de 14 de janeiro).

² Observação: falta a barra em "A". O que nos chega da escrita de Lacan no texto *A terceira* (1974) é um "A" sem barrar, mas sabemos que o Gozo do Outro que faz literal com o objeto *a*, é o gozo barrado, isto é, o fato de não termos complementaridade entre os sexos.

³ Lacan. O Seminário: RSI (1974-1975 lição de 10 de dezembro).

de gozar é sua condição? Assim agencia novamente a trilogia dos gozos que comprometem a estrutura: JA² (gozo do Outro – “entre” Real – I), JΦ(gozo fálico – “entre” Simbólico e Real) e o sentido (“entre” Imaginário e Simbólico), restando, no centro, o furo que cerne, circunscribe, ajusta, os gozos, isto é: o objeto *a*. Esse objeto “conjuga, na ocasião, três superfícies que igualmente se cruzam”.³ Tomo de *A Terceira* (figura 7) a escrita mínima do nó *bo*, na qual se lê a função do objeto *a*, separador de cada um desses gozos.

Entretanto, um ano antes do Seminário RSI, Lacan interrogava aos não incautos: do que se precisa ser enganado? Do inconsciente. Avancemos: ser enganados do nó *bo* e da sua planificação. A planificação, não sendo projeção, respeita os cruzamentos. Mas a projeção nos leva ao engano, fazendo-nos tomar as rodas de barbante como se fossem *diagramas de Venn*. Assim temos tanto em *A Terceira* quanto em RSI um contraponto entre planificação e projeção, na qual somos enganados do *necessário* (não cessa de se escrever), isto é, de “nosso real”, do real da estrutura, entanto que constitui o nó borromeano (Fig. 1).

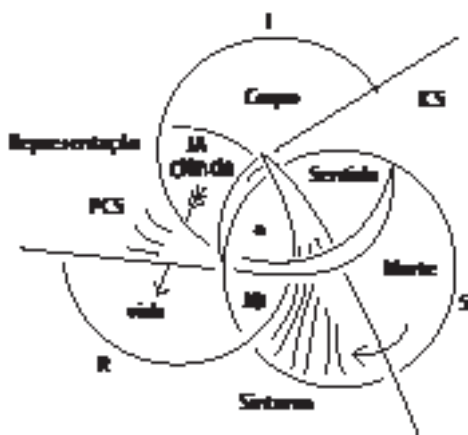


Figura 1⁴

Lacan afirma que é pelo objeto *a* que se separa o gozo fálico (JΦ) do gozo imaginário do corpo; o Gozo do Outro (JA) do simbólico; e, o *sentido* (*jouisens*, gozo do sentido, equivocando com *jouissance*, gozo) do Real. De fato são enunciados complexos os que se encontram nesses anos sobre o objeto, ao mesmo tempo, causa de desejo e mais de gozar. Uma pista é quando ele nos diz que todo gozo está conectado com esse mais-de-gozar, porém a condição radical de ex-sistência do objeto *a*, na escrita de RSI se define como resto impossível de simbolizar. O que significa esse estatuto separador do

⁴ Lacan. (1974). La tercera. In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1993, pp. 73 – 113. Figura 7, p. 104.

objeto *a* na estrutura RSI?

Para responder, partirei de um recorte clínico. Uma mulher sabe da sua fobia, mesmo antes de iniciar a análise. Ela nomeia o que diz ser seu medo desse modo: “ser pega de surpresa”. Isso complica sua vida demais, porque assim como não pode ficar sozinha, tampouco pode exercer sua profissão, a qual muitas vezes lhe obriga a falar para outros. Essa mulher passa o primeiro tempo da sua análise a separar-se minimamente das dependências absurdas que estabeleceu com o marido, dependências que ela mesma gerou, e nas quais se reconhece perturbada pelo temor a perdê-lo. Isso lhe paralisa. Todavia, uma vez que trabalha diagnosticando imagens, ela temia, a cada laudo, dar um diagnóstico errado. Sua fobia apresenta-se associada a efeitos de inibição que provocam uma consistência imaginária que se revela em frases tais como “estar paralisada”, “ficar muda”, “ser transparente”. Vivía se escondendo atrás dos exames, até que um dia, cansada, desanimada por uma crítica que lhe chega de um colega, ela comprova que, apesar dos esforços, não consegue ficar no anonimato e acrescenta “Estou aí, mas sou invisível”. A intervenção da analista: “in-visível” e o corte da sessão imediatamente a seguir, lhe pega no seu lapso. Então, a analisante paga sua sessão acrescentando algo que nunca tinha dito antes: “não sei por que não posso ter relações sexuais quando ele me abraça de costas, isso me dá muita aflição, é como ser pega de surpresa”.

“Ser pega de surpresa” se articula ao temor que lhe faz dormir sempre olhando para a porta — nunca dorme de costas —, à sua dificuldade de falar em público, e, nesse momento, a uma cena que, segundo ela, jamais tinha lembrado. Curiosamente, ela diz que se repete em várias oportunidades no tempo da sua primeira infância. Na cena infantil estão ela e um primo, mais velho, que nas tardes tranquilas de uma cidade do interior, lhe “pegava de surpresa” num corredor, levava-a para seu quarto, a sentava no seu colo e se esfregava. Ela lembra-se com não mais de 5 anos, andando de triciclo e sabendo que ele poderia lhe pegar. Segundo ela, ficava rezando para sair, mas ficava lá, paralisada. Ficava sabendo que não tinha conseguido se fazer invisível para o primo. Ela está avisada do seu “ficar aí” embora pouco sabe, por enquanto. Abrem-se, a seguir, outras lembranças infantis, todas elas masturbatórias, até suas tardes da adolescência quando fechava as portas, se masturbava, e pensava “posso ser pega de surpresa”.

Retomo a questão: o que significa esse estatuto separador do objeto *a* na estrutura RSI? Se Lacan liga o objeto *a* aos orifícios do corpo, mas se além disso não lhe outorga nenhuma qualidade substancial é porque esse objeto do qual não se tem ideia, esse objeto lógico, deve ser diferenciado do objeto da pulsão. Segundo Jairo Gerbase⁵ o objeto *a*, parcial, pode representar-se na demanda,

⁵ Gerbase. *Os paradigmas da psicanálise*. Salvador: Associação Científica do Campo Psicanalítico, 2008, p. 70-71.

mas o estatuto do objeto em RSI depende da sua queda, isto é, de um efeito a ser tomado como “um vislumbre, uma fugacidade”, ou mesmo aparelhado a um afeto: angústia.

“Fazer-se invisível” é estar causado por esse objeto *a*, mesmo que seja pelo olhar enquanto “fragmento” desse objeto, que é, também, paradigmático da angústia. Vemos quando não olhamos, nos diz Lacan em 1963, por isso a imagem vela esse olhar. Portanto, se vemos elidimos o olhar. A pulsão escópica nos mostra que queremos ver, que pedimos para ver. “Fazer-se in-visível” é demandar o máximo de visibilidade nessa cena recalcada. Nesse sentido entendo que esse olhar dá consistência e significação fálica à cena fantasmática na qual o “corpo in-visível” da cena infantil erige-se como tal. No *Sinthome*,⁶ Lacan diz que o *parlêtre* adora seu corpo porque ele acredita tê-lo. Entretanto, o único que ele tem do seu corpo é sua consistência mental. Nesse sentido, podemos entender melhor por que a angústia é essa suspeita de reduzirmo-nos a nosso corpo, ali onde já não o temos, mas o somos. Razão pela qual “fazer-se in-visível” conjuga com “ser pega” nos momentos em que, por exemplo, de costas para a bancada da copa, ela treme, por temor de que “algo desconhecido lhe pegue de surpresa”.

O poder separador do objeto *a* também se verifica no valor de interpretação desse corte, uma vez que deixa de nutrir de sentido o sintoma. Portanto, isso nos coloca na pista do poder separador do objeto *a* entre o Real e o *sentido*. Dito de outro modo, a cena fantasmática recalcada sustenta a equivocação “in-visível” (considerando aqui o circuito pulsional pelo qual responde a fantasia “ser pega de surpresa, ser pega de costas”), equivocação que o lapso evidenciado pelo corte fez surgir. “Fazer-se in-visível” é a significação sintomática ($J\Phi$) que essa mulher se agencia, e pela qual, posso dizer, entra em análise; não nesse momento que destaco, mas num tempo anterior quando se verifica sua estratégia de demandar a presença do Outro, da qual se queixava. Se o sintoma “é irrupção dessa anomalia em que consiste o gozo fálico, na medida em que aí se mostra, se desabrocha essa falta fundamental que qualifico de não-relação sexual”; a interpretação analítica pode fazer retroceder algo do sintoma. *Lalíngua* que suporta o simbólico possibilita essa equivocação, evidenciando o gozo-sentido. O Real como *nonsense* se vincula ao “efeito de sentido”, veiculado pelo equívoco produzido pela *Lalíngua*. O efeito de sentido tem uma relação de ex-sistência com o simbólico. “Digo que o efeito de sentido ex-siste e que nisso ele é Real”.⁷ O efeito de sentido, isso que se visa com a interpretação, na medida em que ele aparece, ilumina o *jouis-sens* (gozo-sentido), isto é: algo que fazia a cifra do sentido. Aqui se verifica, mais uma vez, a condição de mais de gozar desse gozo-sentido, em que o objeto *a*

⁶ Lacan. *El Seminario, libro XXIII: El sinthome*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

⁷ Lacan. O Seminário: RSI (1974-1975 lição de 10 de dezembro).

“litoraliza” essa ex-sistência do gozo-sentido.

A consistência que a inibição promovia no sujeito dava conta de uma invasão do imaginário no simbólico. O corte interpretativo “in-visível” equívoca o sentido apontando o furo simbólico. Portanto, evidenciando o não-senso e litoralizando o impossível de dizer.

Se a psicanálise opera na fineza dos campos de ex-sistência, ela tem como dever ético pôr à prova o que possa ser elaborável desse gozo, uma vez que ele tem um limite, uma vez que há um impossível de dizer, isso é o que o objeto *a*, separador dos gozos, em última instância evoca.

Referências Bibliográficas

- GERBASE, J. *Os paradigmas da psicanálise*. Salvador: Associação Científica do Campo Psicanalítico, 2008.
- LACAN, J. *O Seminário: RSI (1974-1975)*. Inédito.
- LACAN, J. La tercera (1974). In: *Intervenciones y textos 2*. Buenos Aires: Manantial, 1993, pp. 73-113.
- LACAN, J. *El Seminario, libro XXIII: El sinthome*. Buenos Aires: Paidós, 2006.

Resumo

Nosso objetivo é de articular a clínica psicanalítica com a topologia lacaniana, tomando como referência o nó borromeano, amplamente trabalhado por Jacques Lacan nos últimos anos do seu ensino. A pesquisa sobre o objeto *a*, separador dos gozos que enodam os registros real, simbólico e imaginário, nos permite diferenciá-lo à luz de uma vinheta clínica. As articulações sobre *lalíngua* possibilitam dar ênfase à interpretação como equívoco, diferenciando o sentido e o *nonsense*. A elaboração possível dos gozos e sua dimensão ética, a qual equivale a dizer das incidências no campo do desejo, eis o que está em questão nesse texto.

Palavras-chave

Psicanálise, objeto *a*, gozos, *lalíngua*, topologia.

Abstract

Our aim is to articulate the psychoanalytical clinic with a lacanian topology, taking as a reference the borromean knot, widely explored by Jacques Lacan in the latest years of his teaching. The research of object *a*, separator of *jouissance* that entangle the real, symbolic and imaginary registers allows to differentiate them under the light of a clinic vignette. The articulations about *lalíngua* makes it possible the emphasis on the interpretation as differentiated mistake the meaning and the *nonsense*. The possible elaboration of the *jouissance* and its ethical dimension, which it is equivalent to speaking of the incidences in the field of desire, that is what is questioned in this text.

Keywords

Psychoanalysis, object *a*, *jouissance*, topology.

recebido

12/06/2010

aprovado

18/08/2010